

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E “GERAÇÃO” DE TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO: LIMITES DA ESCRITA POR MÁQUINAS

*ARTIFICIAL INTELLIGENCE AND “GENERATION” OF DISSERTATIVE-
ARGUMENTATIVE TEXT: LIMITS OF MACHINE WRITING*

Zacarias Oliveira Neri  <https://orcid.org/0000-0002-3784-2450>
Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal do Piauí
zacariasneri@ufpi.edu.br

Maria Angélica Freire de Carvalho  <https://orcid.org/0000-0003-1160-9359>
Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal do Piauí
angelifreire@ufpi.edu.br

 <http://doi.org/10.35572/rle.v25i2.6549>

Recebido em 09 de maio de 2025

Aceito em 27 de agosto de 2025

Resumo: Na era da Inteligência Artificial, uma pauta comum na perspectiva da escrita é a possibilidade de utilizar a máquina para gerar textos. Entretanto, é recorrente uma questão sobre o processo de “geração” e os limites estabelecidos em tal situação, principalmente no contexto da redação do ENEM. Diante disso, o objetivo deste artigo é analisar o percurso na elaboração das ideias de um texto dissertativo-argumentativo gerado pelo ChatGPT em comparação com um texto dissertativo-argumentativo nota mil produzido por um candidato do ENEM. Como base teórica, aprofundamo-nos em Koch e Elias (2016), Hirota (2023), Vicari et al. (2023), Fernandes (2024), Cavalcante e Lemos (2023), entre outros. Quanto à metodologia, trata-se de um estudo analítico e interpretativo (Severino, 2013), porque envolve uma análise comparativa; e de um estudo documental (Severino, 2013), pois utiliza de um texto retirado da Cartilha do Participante do ENEM de 2024 (Brasil, 2024). Os resultados comprovam que a IA é uma alternativa complementar e que os textos não devem ser cópia do resultado obtido no *chatbot*, visto que há o comprometimento de habilidades de leitura e escrita, além do rompimento da autoria e do incentivo à formação de alunos-escreventes (Fernandes, 2024).

Palavras-chave: Inteligência Artificial. ChatGPT. Geração de textos. Texto dissertativo-argumentativo.

Abstract: In the age of Artificial Intelligence, a common topic from a writing perspective is the possibility of using machines to generate texts. However, a recurring question arises regarding the “generation” process and the limits established in such a situation, particularly in the context of the ENEM (National High School Exam) essay. Therefore, the objective of this article is to analyze the development of ideas for a ChatGPT-generated dissertation-argumentative text compared to a 100-point dissertation-argumentative text produced by an ENEM candidate. As a theoretical basis, we draw in-depth on Koch and Elias (2016), Hirota (2023), Vicari et al. (2023), Fernandes (2024), Cavalcante and Lemos (2023), among others. Regarding the methodology, this is an analytical and interpretative study (Severino, 2013), because it involves comparative analysis; and a documentary study (Severino, 2013), as it uses a text taken from the ENEM 2024 Participant's Handbook (Brazil, 2024). The results prove that AI is a complementary alternative and that the texts should not be copies of the results obtained in the chatbot, since there is a compromise in reading and writing skills, in addition to the disruption of authorship and the incentive to the formation of student-writers (Fernandes, 2024).

Keywords: Artificial Intelligence. ChatGPT. Text generation. Dissertation-argumentative text.

1. Introdução

A inteligência artificial é uma tecnologia digital, como muitas outras, que tem atingido amplo alcance e sido pauta de muitas discussões na sociedade (Kaufman, 2023). Ela é considerada uma TPG - Tecnologia de Propósito Geral, pelo nível de transformação social provocada com a sua chegada, sendo as últimas TPGs mundiais o carvão, a eletricidade e a computação. Falamos em transformação porque suas ações são próximas às ações humanas (Silva, 2024), e hoje já tem passado de uma organização preditiva (diferentes arquiteturas para diferentes funções) para uma organização generativa (possibilidade de novas soluções em uma capacidade para multitarefas, como o ChatGPT) (Kaufman, 2023). Na era do acesso imediato à informação, a inteligência artificial (IA) tem alcançado prestígio entre os usuários, em virtude das múltiplas funções direcionadas à máquina cotidianamente. Mas não podemos falar que a IA é exclusiva da atualidade, pois desde 1950 esses estudos estão em desenvolvimento (Lee, 2019); a questão é que, com a interferência das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), o alcance da IA mudou, assim como o acesso a ela, pela flexibilidade presente nas ações e gestos tecnolinguageiros (Muniz-Lima, 2024), os quais permitem que os usuários estejam fazendo solicitações em *chatbots* constantemente.

Diante desse cenário, é notável que as tecnologias digitais possuem ampla participação nas ações cotidianas dos indivíduos, assim como no contexto acadêmico e escolar, por exemplo, em diferentes aspectos, sendo um deles a produção de textos. De modo geral, a escrita é um exercício particular aos indivíduos, pois representa ideias singulares, envolve criatividade e estratégias sociocognitivas. Entretanto, há uma grande questão sobre os limites e formas de utilização de sistemas de IA Generativa na escrita, como o ChatGPT, exatamente pela necessidade de equilíbrio entre informação solicitada e informação elaborada.

Problematizamos esse uso pela maneira como um *chatbot* é planejado e pelo modo como ele é utilizado, sendo ações distintas, ainda que se assemelhem no viés tecnolinguageiro. O ChatGPT, por exemplo, é um sistema de IA que gera respostas à medida que *prompts* são direcionados a ele, ou seja, não foi criado como plataforma de escrita. No entanto, pela sua organização generativa (Kaufman, 2023) e intencionalidade intervintiva (Hirota, 2023), ganhou essa característica atribuída pela própria sociedade. Por esse motivo, a questão se torna mais complexa quando direcionamos o exercício de escrita para a tipologia argumentativa. A argumentação, em seu exercício mais natural, exige posicionamentos do autor (Koch; Elias, 2016) os quais representam pontos de vista propostos no texto a serem defendidos com base em argumentos. Esse caminho pode ser observado em diferentes gêneros, como artigos de opinião, editoriais, cartas de reclamação, textos dissertativo-argumentativos, resenhas críticas etc., os quais demandam um olhar analítico e crítico do autor, necessitando de uma postura argumentativa.

Nesse contexto, a complexidade mencionada diz respeito ao modo como esse ponto de vista é apresentado em textos dissertativos-argumentativos, que é a produção solicitada a estudantes que concorrem a vagas no ensino superior público, por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Embora estejamos tratando do mesmo texto, o do ser humano e o da máquina não são exatamente iguais, essencialmente na perspectiva da autoria (Fernandes, 2024). Com base nesses apontamentos, o objetivo deste artigo é analisar o percurso na elaboração das ideias de um texto dissertativo-argumentativo gerado pelo ChatGPT em comparação com um texto dissertativo-argumentativo nota mil produzido por um candidato do ENEM. Para atingir esse

propósito, seguimos os seguintes objetivos específicos: I) Solicitar um texto dissertativo-argumentativo ao ChatGPT com o mesmo *prompt* do caderno de prova do ENEM; II) Observar o caminho argumentativo desenvolvido no texto nota mil e no texto gerado pelo ChatGPT; III) Identificar semelhanças e diferenças entre o texto dissertativo-argumentativo gerado pelo ChatGPT e o texto nota mil produzido por um aluno.

Quando falamos em “caminho argumentativo”, referimo-nos às orientações da Cartilha do Participante do ENEM (Brasil, 2024), especificamente à Competência 03 do exame, que diz: “Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista” (Brasil, 2024, p. 21). Na correção dos textos, há uma expectativa de encontrar esse percurso para que seja atribuída nota máxima na competência 03, o que, consequentemente, representa um excelente desempenho na argumentação do texto. Com base nessa discussão inicial, fazemos, a seguir, uma reflexão sobre os estudos teóricos referentes à argumentação e à produção de textos, associando-a ao contexto da IA para, em seguida, analisarmos os textos nas duas perspectivas.

2. Inteligência artificial: “produção” ou “geração” de textos?

A produção de sentidos em textos é uma prioridade no exercício de escrita, e é isso que a IA busca fazer ao apresentar um texto como resposta às solicitações feitas por um usuário. Não falamos em uma exclusão da ferramenta disponível, mesmo porque ela já é uma realidade incontestável, que não será ignorada. Já temos identificado estudos que pensam na possibilidade de personalização dessa inteligência para o ensino, como Costa e Von Rondon (2024, p. 54) ressaltam ao mencionar que “ferramentas de IA podem ser configuradas para atender às necessidades específicas de cada aluno, proporcionando um aprendizado mais individualizado”.

A questão em foco é que essa estratégia é apenas uma, ou seja, não é a única possível, e apegar-se ao uso da IA com frequência pode provocar dependência excessiva (Costa; Von Rondon, 2024). Por esse motivo, falamos em “geração” antes de “produção” de textos, porque, mesmo que quem desempenhe o trabalho seja um sistema, todas as respostas apresentadas são resultadas de uma filtragem de dados, os quais foram criados anteriormente por humanos e colocados na rede; isto é, os dados não foram criados pela plataforma durante o uso dela, de modo instantâneo.

Ainda que entre nós, humanos, seja recorrente a dialogicidade (Bakhtin; Volochinov, 1995), visto que um texto resulta da união de outros textos já ditos, o exercício de mobilização de informações e conhecimentos parte do ser humano dentre as próprias experiências dele, criando uma resposta pelo próprio trabalho sociocognitivo pautado na interação. Nos *chatbots* há uma dependência das informações vindas por meio dos algoritmos, que reúnem e organizam os dados registrados no sistema, por isso o processo não ocorre da mesma forma, pois o *chatbot* não interage sociocognitivamente, só reproduz aquilo que armazena.

É com base nessa realidade que Cavalcante e Lemos (2023) refletem sobre caminhos para lidar com a IA. O retrocesso não acontecerá; portanto, é preciso criar mecanismos para a construção de outras possibilidades de aprendizado. Tudo isso dependerá de processos de adaptação, pois “se a sociedade está imersa em um meio digital, é necessário compreender os efeitos desse meio e construir formas de explorá-lo sem submeter-se a ele” (Cavalcante; Lemos, 2023, p. 4).

Diante disso, trazemos à baila o papel da escola nesses processos de adaptação. A construção do conhecimento há muito tempo tem sido guiado por uma perspectiva

sociointeracionista, em que o aluno protagoniza a aprendizagem e assume o papel principal das práticas desenvolvidas em sala de aula, até mesmo no processo de avaliação da aprendizagem (Hoffman, 1991). Entretanto, precisamos compreender que o sociointeracionismo visa a proposição de caminhos para que o aluno esteja no centro, da mesma forma como ocorre na atual concepção de linguagem adotada para o ensino de leitura e escrita (Koch, 2008), e o uso da IA, muitas vezes “sacralizado” por estudantes, impede o desenvolvimento de uma interação fidedigna, inibindo uma capacidade que é própria do ser humano diante, muitas vezes, de um desinteresse para executar tarefas metacognitivas. Tal desinteresse dificulta o amadurecimento da reflexão, da criticidade e da possibilidade de questionamentos - aspectos essenciais no processo de leitura e escrita.

Em um cenário mais específico, na perspectiva da produção de textos, o uso da IA também tem provocado operacionalizações de escrita questionáveis. Oliveira e Neves (2023) discutem sobre o surgimento de modelos engessados de produção científica, em que a prioridade está na padronização - um comportamento comum e até esperado pela máquina, já que ela tenta reproduzir estruturas anteriormente criadas. Todavia, tal reprodução interfere na qualidade da resposta oferecida, situação semelhante ao que ocorre nos modelos de resposta de redação do ENEM, os quais são o foco deste artigo.

Nesse sentido, ressaltamos essa aproximação porque as respostas costumam ser baseadas em lógicas algorítmicas estruturadas em modelos de linguagem (Oliveira; Neves, 2023). Porém, essa lógica costuma resultar em uma apropriação integral por parte do usuário das respostas geradas pelos *chatbots*, por isso convém refletir sobre o que significa tal apropriação, já que esse comportamento revela posicionamentos decisivos a respeito da conduta social.

Assim, não há como não identificar, com base em Oliveira e Neves (2023), uma relação de “dominação-submissão”, em virtude da postura do usuário. A dominação diz respeito ao lugar em que a IA é colocada, como a detentora de todo o conhecimento; já a submissão, se refere ao comportamento dos sujeitos, que se comportam como passivos na expectativa de receber uma resposta ao *prompt* inserido na plataforma, sem, ao menos, refletir sobre a questão apresentada. Essa submissão atinge um apogeu quando o usuário se apropria, totalmente, da resposta oferecida pelo *chatbot*, o que geralmente costuma acontecer, e não se dá a oportunidade de reformular, repensar ou investigar a veracidade da informação, a qual não possui garantia de que seja totalmente verídica.

Essa realidade oferece riscos, porque não estamos mencionando um problema momentâneo, estanque, mas de uma cadeia de desafios que virão na vida dos usuários, os quais retiram de si a capacidade de refletir sobre uma temática; de escrever sobre determinado assunto, o qual exige a apresentação de conhecimentos próprios, em contextos de originalidade.

De maneira análoga, Vicari et al. (2023) fazem uma abordagem sobre os resultados de uso da IA na educação e o trabalho com produção textual tem chamado nossa atenção porque a maioria das ferramentas utilizadas se referem a essa área, como a geração de textos, a tradução, a análise de textos, a gravação de voz etc. Os autores mencionam como exemplo o ChatGPT (modelo investigado no estudo), Notion, ChatPDF, Bard e PaLM.

Em alguns casos, é produtiva a utilização pelos diferentes objetivos ao desempenhar tarefas, já que, muitas vezes, os usuários necessitam de uma agilidade, como gravar a fala de alguém, em vez de escrever manualmente. Em contrapartida, é arriscado confiar em uma análise textual feita exclusivamente pela IA, posto que, na

verdade, atividades como essas devem ser feitas por humanos com a intenção de observar, de fato, o que eles identificaram na leitura do texto. Por isso, reconhecemos que limites devem ser estabelecidos.

A própria Base Nacional Comum Curricular, na perspectiva da computação (Brasil, 2022), oferece oportunidades de trabalho com a IA e, como já esperado, entre as habilidades mencionadas por Vicari et al. (2023), não há nenhuma que enfatize a produção de textos associada à substituição do aluno pela máquina. Pelo contrário, há um incentivo analítico e interpretativo referente ao contato com a IA e com tecnologias computacionais. A habilidade EM13CO10, por exemplo, propõe “conhecer os fundamentos da Inteligência Artificial, **comparando-a com a inteligência humana, analisando suas potencialidades, riscos e limites**” (Brasil, 2022, p. 64, grifo nosso).

Direcionamos nosso olhar para o trecho grifado na tentativa de incentivar uma visão analítica e direcionada para a compreensão do real sentido do uso da IA. Ela faz, decerto, uma contribuição, e não uma substituição. Faz sentido conhecer as potencialidades, mas não se exclui a oportunidade de conhecer os riscos e os limites envolvidos - uma situação não muito observada por alguns dos usuários, principalmente, os estudantes da educação básica.

Pscheidt (2024) reflete sobre o incentivo que a IA oferece ao aprendizado independente e ao estímulo à curiosidade. No entanto, ainda que nossa intenção não seja desestruturar a visão do autor, o aprendizado independente nem sempre se consolida, em virtude da intenção de “solicitação e cópia”, já que os alunos visitam *chatbots* ao estarem diante de situações-problema (Hirota, 2023), com o propósito de resolver os problemas que encontram diante de conteúdos e atividades escolares, por exemplo. Por isso, precisamos refletir também sobre os riscos que o aprendizado independente “parcial” pode provocar, principalmente diante do contexto de “solicitação e cópia”, realidade a qual interfere na autoria de textos e, consequentemente, na argumentação, no que diz respeito à produção de textos dissertativo-argumentativos no contexto do ENEM.

3. O lugar da autoria nos textos na era da IA

A autoria, antes de tudo, faz parte desta discussão porque se torna um questionamento constante ao refletirmos sobre o trabalho da IA diante da geração de textos. Se a máquina entrega respostas que, geralmente, são utilizadas por usuários, como podemos considerar a autoria no processo de escrita? Conforme Possenti (2002), é a autoria¹ que dá densidade ao texto; e, para Cohen (2022), é por meio da autoria que novas textualizações acontecem, quando as intertextualidades constantes se revestem de olhares do locutor.

No entanto, no contexto atual, a função de autor tem sido confundida com a simulação de tal função (Fernandes, 2024), tarefa pouco notória diante do automatismo constante ao utilizar as ferramentas da IA. Mencionamos a ideia de “simulação” porque a autoria é humana, e isso não entra em discussão para questionamento tendo em vista o trabalho que a IA tem de resgatar dados oferecidos por humanos para gerar uma resposta favorável ao que foi solicitado.

A complexidade dessa discussão se situa na exigência que o exercício de escrita faz, principalmente pelo esforço cognitivo desempenhado pelo usuário, o qual

¹ A noção de Autoria adotada neste artigo diz respeito à particularidade de quem escreve, conforme indícios de estilo, marcas pessoais e elementos que sugerem a presença de um autor; é um efeito produzido na leitura e na produção de textos, resultado de uma dinâmica que envolve o jogo estilístico e a posição enunciativa do falante (Possenti, 2002; 2013).

não ocorre no sistema de IA em foco. Para Eysenck e Eysenck (2023, p. 42), “produzir um texto coerente (como ensaios ou outros documentos) é provavelmente a habilidade de linguagem mais exigente. Seria impressionante se um modelo de linguagem de IA pudesse gerar um texto difícil de distinguir do de um escritor humano”. Com essa reflexão, fica evidente que a máquina não consegue desempenhar a mesma tarefa, com o mesmo nível de resultado. Porém, a reflexão que se estabelece está no nível dos limites e dos aspectos que envolvem esse desempenho distinto.

Na escrita de textos no âmbito do ENEM, a reflexão se mantém, pois “embora o sujeito-aluno possa se colocar na posição-escrevente ao se apropriar do texto produzido pelo programa, não há superação das potencialidades humanas quanto à produção de sentidos singulares que elevam o grau de autoria” (Fernandes, 2024, p. 214). Saber que isso é um fato já é uma ideia consolidada, o problema está na prática de escrita, em que os estudantes não se colocam como capazes de se reconhecerem como sujeitos-enunciadores e, por isso, escrevem, geralmente, apenas para cumprir uma demanda, tornando-se “alunos-escreventes” (Fernandes, 2024).

A autora define esse conceito de aluno porque a cópia de respostas da IA revela uma atitude de quem apenas segue modelos e estruturas prontas, e, consequentemente, não produz sentido para o que escreve e nem reflete sobre a própria discussão desenvolvida (Fernandes, 2024). Não se exclui desse problema o fato de muitos alunos também apenas reproduzirem cópias de modelos divulgados em cursinhos e redes sociais, situação que se assemelha ao uso da IA pela permanência na condição de “escrevente”. Reconhecemos essa realidade como uma problemática extensa, porque se estende da defasagem provocada na situação corrente, em que o aluno está inserido, e vai até situações futuras, na universidade, em concursos públicos, em testes seletivos para vínculos empregatícios, em carreiras profissionais e outros casos. Tal cenário condiz com o que Cavalcante e Lemos (2023) expressam:

Se o estudante nada fornece à ferramenta e dela tudo espera, ele estaria burlando não apenas ao professor/orientador/à banca, mas a si mesmo. Em vários momentos de sua existência será cobrado para falar sobre, pensar sobre, informar sobre aqueles dados que não leu, que não conheceu, cujo contexto não compreendeu e, mesmo que não seja levado a falar sobre isso (em uma banca de defesa, por exemplo), mesmo que consiga enganar quem o cerca, acreditaria ele em si mesmo? Tem ele como objetivo apenas a nota, o título, e não o conhecimento? Nesse caso, o problema está mesmo na constituição de sua identidade, na incapacidade de reconhecer-se como capaz. Esse é um burlar a si mesmo que vai além da ambiência escolar e tem bases psicanalíticas (Cavalcante; Lemos, 2023, p. 10).

É pelo nível de dimensão do problema que traçamos essa discussão. Essa realidade de cópia, que gera um aluno-escrevente, incentiva um questionamento referente à própria ética, pois não se trata de negar, de ignorar ou de desrespeitar alguém; na verdade, isso é feito consigo; a própria identidade é desprezada por uma decisão favorável à máquina. Diante disso, o processo de criação; de formulação de um dizer; de pontos de vista é perdido, já que nada disso é considerado como resposta ideal ao que se busca atender. Entretanto, é preciso consolidar o seguinte pensamento: se as próprias respostas do usuário não são consideradas em virtude de uma tendência de escolha às respostas tecidas pela IA, podemos definir essa situação como equiparada à alienação.

Os perigos de encarar uma realidade desafiadora como essa se ampliam, posto que dados geram essas respostas. Mas de onde vêm esses dados? De quando esses dados são? Podem ser considerados verídicos? E quanto aos dados que a máquina ainda não

tem acesso, eles são considerados inexistentes? Questionamentos como esses justificam a prioridade que deve ser dada a um olhar de curadoria e de reflexão sobre o lugar que o ser humano tem ocupado em meio ao universo digital, pois há vantagens e desvantagens; benefícios e riscos, como os mencionados.

É importante, desse modo, pensar que linguagem, temática, estrutura de escrita, entre outros aspectos estão imbricados no que diz respeito à autoria em textos (Cavalcante; Lemos, 2023). Esses pontos são decisivos para a produção escrita no contexto do ENEM, já que a cartilha do participante (Brasil, 2024) evidencia todos eles, inclusive podemos identificar cada um em uma associação às cinco competências que avaliam a prova de redação.

Quadro 1: Identificação de elementos da autoria nas competências de avaliação da redação do ENEM

Elementos	Competências
Linguagem	01 e 03;
Temática	02, 03 e 05;
Estrutura de escrita	01, 03 e 04.

Fonte: elaborado pelos autores (2025)

Com base na esquematização do quadro, podemos notar que essas competências são atingidas no processo de autoria, pois, na avaliação, respeito ao registro formal, compreensão do tema e da estrutura, uso de repertório sociocultural, defesa de argumentos, coerência, coesão e elaboração de proposta de intervenção são os aspectos que guiam as cinco competências, e os elementos apresentados se associam a todas elas. Esse resultado, pautado no percurso “seleção, relação, organização e interpretação” (Brasil, 2024, p. 21), representa a modalidade argumentativa demonstrativa (Amossy, 2008), em que os argumentos escolhidos precisam ser comprovados, de maneira relacionada ao tema, para convencer o leitor.

Entretanto, esse caminho de demonstração e prova pode não funcionar da mesma forma, pois o caminho argumentativo é diferente entre o texto da máquina e o texto do ser humano. Portanto, convém observar, na prática, as semelhanças e diferenças entre “produção” e “geração” de textos, com base na comparação entre um texto nota mil e um texto da IA, solicitado ao ChatGPT.

4. Metodologia

Este artigo é considerado um estudo analítico e interpretativo (Severino, 2013), porque envolve uma análise comparativa entre textos dissertativo-argumentativos, sendo um produzido pelo ser humano e outro gerado pelo *chatbot* ChatGPT. A interpretação foi estabelecida pela comparação entre os dois textos, no sentido de observar como a IA responde à ação de produzir um texto de acordo com a orientação do ENEM, percebendo como o resultado se assemelha à produção pelo humano.

Além disso, o estudo é documental (Severino, 2013), em virtude da utilização de um texto retirado da Cartilha do Participante do ENEM de 2024 (Brasil, 2024), sendo a mais recente até o momento. O texto utilizado para a análise foi referente ao ENEM 2023, pois o subsídio traz os textos do ano anterior, por isso o registro referente à temática “Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil”. O critério para a escolha da redação se deu pela ordem delas na cartilha, sendo o texto selecionado o primeiro.

Para seguir com a comparação, utilizamos o ChatGPT como sistema de IA para solicitar um texto dissertativo-argumentativo. O *prompt* utilizado para a solicitação foi a instrução presente no caderno de prova do exame nacional, tendo em vista que a intenção é oferecer à máquina o mesmo comando disponível ao aluno. A única informação adicional se referiu ao aluno e à série em que ele se encontra pela necessidade de uma informação contextual para a máquina. Com o acesso ao texto, analisamos o caminho argumentativo na perspectiva da orientação da cartilha (seleção, relação, organização e interpretação), em relação ao desenvolvimento dos argumentos apresentados.

Após a análise comparativa, apresentamos um olhar acerca dos limites e das possibilidades quanto ao uso da IA no contexto da escrita de textos. É válido ressaltar que não inserimos os textos motivadores no teste feito no ChatGPT porque esse teste diz respeito à primeira etapa de geração de dados de uma pesquisa de mestrado em andamento. Assim, nas etapas seguintes, poderemos divulgar os demais resultados, que incluem testes com textos motivadores e com a plataforma na versão paga, bem como a pesquisa final em publicações futuras.

5. Análise de dados

Iniciaremos a análise pelo texto da cartilha do participante, que atingiu nota mil na edição de 2023.

Quadro 2: Texto 1 da cartilha - Amanda Teixeira Zampiris

Na obra intitulada “Brasil, País do Futuro”, Stefan Zweig, autor austríaco, em sua visita ao Brasil, defendeu a ideia de que o país estava destinado a ser um dos mais importantes países do mundo no futuro. No entanto, 80 anos depois, as previsões do autor ainda não se concretizaram e os desafios para enfrentar a invisibilidade do trabalho de cuidado — realizado por mulheres — são entraves para isso. Observa-se, assim, que isso ocorre porque a negligência governamental e a permanência histórica impedem a resolução da questão.

Sob este viés, é preciso atentar para a omissão estatal presente nessa problemática. Nessa perspectiva, o pensador Thomas Hobbes afirma que o Estado é responsável por garantir o bem-estar da população. Entretanto, isso não ocorre no Brasil, pois a falta de atuação das autoridades corrobora a permanência do trabalho de cuidado não remunerado e mal pago realizado, principalmente, por mulheres — que inclui cuidar de crianças e idosos, bem como os afazeres domésticos —, visto que o Governo não tem cumprido seu papel no sentido de assegurar os direitos básicos a esse grupo social, como o direito a um salário digno. Assim, as funções sociais e estatais são descumpridas, agravando o problema.

Outrossim, a permanência histórica é fator importante como constituinte desse imbróglio. Nesse sentido, consoante ao pensamento do antropólogo Claude Lévi-Strauss, só é possível compreender adequadamente as ações coletivas por meio do entendimento dos eventos históricos. Desse modo, a questão da invisibilidade do trabalho de cuidado feito por mulheres majoritariamente pobres e vítimas de discriminação de gênero, mesmo que fortemente presente no século XXI, apresenta raízes indissociáveis à história brasileira — que foi marcada pelo machismo e pelo patriarcado —, uma vez que as atividades domésticas não pagas ainda são delegadas às pessoas do sexo feminino de forma quase que exclusiva.

Faz-se necessário, portanto, que meios sejam criados para intervir nesse óbice. Logo, o Governo Federal — órgão responsável pela administração federal em todo território nacional — deve estabelecer políticas públicas que garantam a remuneração e a valorização do trabalho de cuidado, por meio da utilização de verbas governamentais para o pagamento de salários. Tal ação deve ser realizada com a finalidade de mitigar a invisibilidade dos afazeres domésticos realizados pela mulher na sociedade brasileira e, consequentemente, combater as raízes históricas presentes nessa questão. Dessarte, o Brasil poderá se tornar um “País do Futuro”, como defendido por Stefan Zweig.

Fonte: Brasil (2024, p. 35)

No texto produzido pelo humano divulgado na cartilha, identificamos que as estratégias utilizadas atendem ao movimento argumentativo indicado no subsídio e condiz com o que Amossy (2008) define como modalidade argumentativa demonstrativa, revelando autoria. A demonstração é evidenciada de maneira legítima, pertinente e produtiva, consideradas as paráfrases, no contexto da intertextualidade. Na função de intertexto, a aluna-autora parafraseia posicionamentos de Stefan Zweig, Thomas Hobbes e Claude Lévi-Strauss.

Essas paráfrases são motivadas pelo objetivo que o produtor² busca atingir - o convencimento do leitor. Por essa razão, ele selecionou tais conhecimentos, referentes ao repertório adquirido durante sua formação escolar, na intenção de relacioná-los ao tema proposto pelo Exame, de maneira organizada, associando os posicionamentos dos autores à sua voz presente no texto, a qual, somada à defesa do ponto de vista, representa uma interpretação da proximidade desses posicionamentos. Do que o produtor percebe, constrói-se uma argumentação que tem como foco a autoria, consolidada por meio da demonstração.

O que não se pode dissociar é a relação de dependência criada entre a argumentação, que se sustenta com o auxílio das comprovações, e a intertextualidade, referente à maneira como elas são apresentadas e situadas no contexto de defesa dos posicionamentos. Essa aliança legitima os argumentos e convence o leitor a respeito das questões problematizadas no texto desde a introdução, que são a negligência governamental e a permanência histórica.

Outra motivação para a escolha dos intertextos presentes são as problematizações que são apresentadas no texto. É a discussão sobre a negligência governamental que faz o produtor selecionar a afirmação de Thomas Hobbes, o que acontece da mesma forma ao selecionar a ideia de Claude Lévi-Strauss para discutir a permanência histórica. Nesses parágrafos, não podemos afirmar que a reflexão foi pautada no senso comum³, em virtude da inserção de intertextos, baseados em conhecimentos legitimados, que aparecem no texto em uma relação contextual (Koch, 2015 [2002]).

Como exemplo, no trecho do segundo parágrafo: “Entretanto, isso não ocorre no Brasil, pois a falta de atuação das autoridades corrobora a permanência do trabalho de cuidado não remunerado e mal pago realizado, principalmente, por mulheres”, observamos uma resposta negativa/oposta ao intertexto apresentado como repertório, já que o autor parafraseado fala no bem-estar da população, e, como o tema é um problema, a autora do texto argumenta na intenção de defender que o “bem-estar” não se faz presente diante de tal, sendo uma estratégia de convencimento - do “provar” ao “argumentar” (Plantin, 2008).

Da mesma forma, acontece no 3º parágrafo, no trecho: “a questão da invisibilidade do trabalho de cuidado feito por mulheres majoritariamente pobres e vítimas de discriminação de gênero, mesmo que fortemente presente no século XXI, apresenta raízes indissociáveis à história brasileira”. Esse posicionamento funciona como uma justificativa associada ao emprego do intertexto de Claude Lévi-Strauss referente à realidade histórica. Uma prova de que as pessoas não se dão conta das

²Os termos mais adequados para esse contexto são “autor” ou “produtor”. Ainda que, em nossa perspectiva teórica, o termo “autor” seja pertinente, o termo que melhor se ajusta é “produtor” por tratarmos da relação entre humano e máquina diante da escrita de textos.

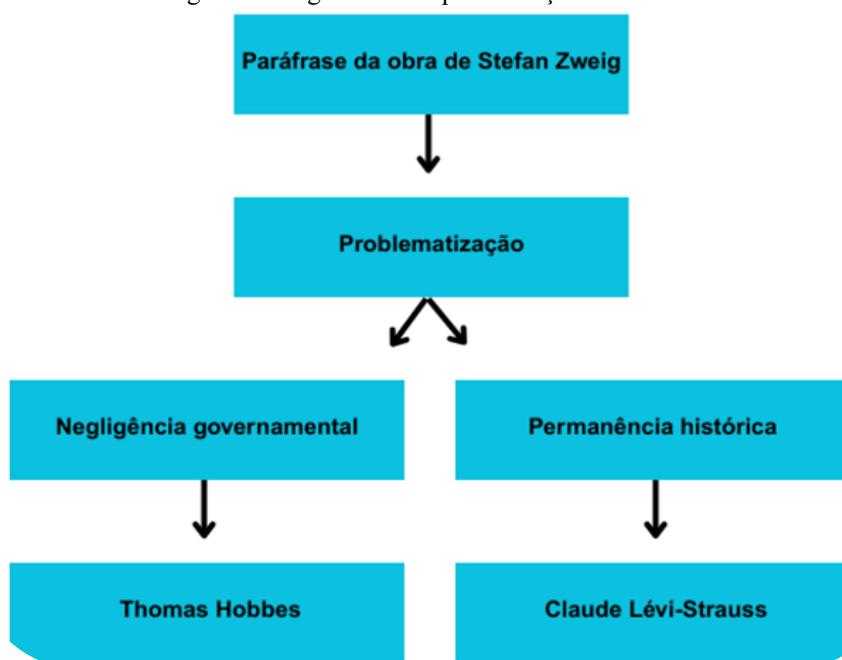
³ É evidente que esses teóricos poderiam ser citados para tratar de outros problemas sociais, assemelhando-se a uma mecanização e a um automatismo no uso de intertextos (repertórios) por humanos. Essa estratégia poderia se aproximar da prática de utilização do ChatGPT, porém perceberemos que na análise do texto do *chatbot* ainda existem outras limitações quanto à inserção de intertextos.

dificuldades acerca do trabalho de cuidado realizado pela mulher é a influência patriarcal e as constantes discriminações de gênero, ou seja, se as pessoas não compreendem a realidade histórica, a problemática da situação não é vista - é essa a defesa do produtor.

Vale ressaltar também que os argumentos selecionados e apresentados desde a introdução do texto aparecem inicialmente com base em uma problematização. Porém, tal problematização só aparece pelo exercício relacional estabelecido entre repertório sociocultural e discussão temática. A paráfrase sobre Stefan Zweig é colocada em questão quando o produtor diz que as previsões do autor ainda não foram atingidas, motivando o surgimento da problemática no texto e a apresentação dos argumentos, os quais, na sequência, são desenvolvidos.

Dessa maneira, o caminho percorrido pelo produtor acompanhou o seguinte trajeto:

Figura 1: Diagrama de esquematização do texto 1⁴



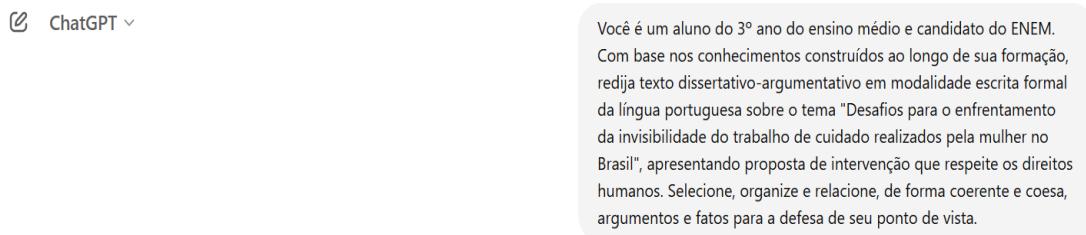
Fonte: elaborado pelos autores (2025)

⁴ Não incluímos a conclusão na esquematização porque o foco da análise se concentra na manifestação e defesa de pontos de vista (argumentos e provas). Como esses aspectos são situados entre a introdução e o desenvolvimento, e a conclusão não prioriza a inserção de novos argumentos e outros intertextos, preferimos não mencioná-la.

Conforme o diagrama, podemos perceber que a produtora do texto segue uma organização tópica que se enquadra no planejamento textual. O processo de escrita precisa passar pelo planejamento, principalmente ao se tratar da construção da argumentação, do convencimento, da persuasão. Pelo planejamento, conseguimos observar que as ações intencionando uma visada argumentativa (Koch, 2021) são justificadas e situadas pelos repertórios socioculturais que se somam ao projeto de texto - critério avaliado pela competência 03 (Brasil, 2024).

Continuaremos a análise com a descrição do resultado produzido pela máquina, texto gerado pelo ChatGPT, observando os mesmos comandos na produção feita pelo humano. Na figura abaixo, apresentamos o *print* da página do ChatGPT com o *prompt* inserido:

Figura 2: Prompt



Fonte: ChatGPT (2025)

PROMPT UTILIZADO: Você é um aluno do 3º ano do ensino médio e candidato do ENEM. Com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema "Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizados pela mulher no Brasil", apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para a defesa de seu ponto de vista.

Podemos observar que o *prompt* inserido é referente ao caderno de questões do ENEM. A única informação adicional diz respeito ao aluno e à série em que ele está, porque a máquina necessita de informação contextual (Hirota, 2023) e quanto mais específica e detalhada a resposta ao comando poderá ser satisfatória. Com base nessa afirmação, nossa expectativa é a de que a máquina gere um texto que atenda à estrutura básica do gênero e sua composição com introdução, desenvolvimento e conclusão, e siga o caminho argumentativo proposto na cartilha, com base no percurso “tema - ponto de vista - argumentos - proposta de intervenção” (Brasil, 2024, p. 5). Abaixo, temos a redação gerada com base no *prompt* de solicitação apresentado:

Figura 3: Redação gerada pelo ChatGPT (Parte 1)

ChatGPT ▾

Titulo: A invisibilidade do cuidado feminino e os desafios para sua valorização no Brasil

No Brasil, o trabalho de cuidado realizado por mulheres, como o cuidado com os filhos, idosos e afazeres domésticos, ainda é amplamente subestimado e invisibilizado. Essa realidade, enraizada em uma estrutura social patriarcal, impõe obstáculos significativos à equidade de gênero e ao reconhecimento social e econômico dessas atividades. Diante disso, é fundamental discutir os fatores que perpetuam essa invisibilidade e propor medidas que promovam a valorização e a justiça social para essas mulheres.

Historicamente, a divisão sexual do trabalho relegou às mulheres as funções do espaço privado, enquanto os homens se ocupavam das esferas públicas e remuneradas. Essa herança cultural reforça a ideia de que cuidar é uma "obrigação natural" feminina, o que contribui para a não remuneração e o não reconhecimento desses serviços como trabalho legítimo. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as mulheres dedicam, em média, o dobro do tempo que os homens às tarefas domésticas e de cuidado, mesmo quando estão inseridas no mercado de trabalho. Esse dado evidencia a sobrecarga enfrentada por elas e a desigualdade estrutural existente.

Além disso, a ausência de políticas públicas específicas para o cuidado reforça essa invisibilidade. A falta de creches públicas em número suficiente, por exemplo, faz com que muitas mulheres precisem abrir mão de suas carreiras para cuidar dos filhos. Esse fenômeno impacta diretamente na autonomia financeira feminina e perpetua o ciclo da desigualdade de gênero. O Estado, ao não oferecer suporte adequado, transfere para as famílias – e, especialmente, para as mulheres – a responsabilidade por garantir o cuidado.

Fonte: ChatGPT (2025)

Figura 4: Redação gerada pelo ChatGPT (Parte 1)

ChatGPT ▾

Para enfrentar esse problema, é necessário implementar uma proposta de intervenção baseada em três eixos: educação, políticas públicas e conscientização social. Em primeiro lugar, o Ministério da Educação deve incluir, nos currículos escolares, conteúdos que abordem a divisão justa do trabalho doméstico e a valorização do cuidado como uma função social importante, combatendo estereótipos de gênero desde a infância. Em segundo lugar, o Poder Executivo, em parceria com prefeituras, deve ampliar a oferta de equipamentos públicos de cuidado, como creches, abrigos para idosos e centros de apoio a cuidadores, garantindo maior autonomia para as mulheres. Por fim, campanhas de conscientização promovidas pelos meios de comunicação devem ressaltar o valor do trabalho de cuidado e incentivar a corresponsabilidade entre homens e mulheres nas tarefas domésticas.

Portanto, é urgente enfrentar a invisibilidade do trabalho de cuidado realizado por mulheres no Brasil. Apenas com ações articuladas entre sociedade e Estado será possível transformar essa realidade e garantir a equidade de gênero, o reconhecimento social e a justiça para quem, há tanto tempo, cuida sem ser vista.

Fonte: ChatGPT (2025)

REDAÇÃO GERADA:

Título: A invisibilidade do cuidado feminino e os desafios para sua valorização no Brasil

No Brasil, o trabalho de cuidado realizado por mulheres, como o cuidado com os filhos, idosos e afazeres domésticos, ainda é amplamente subestimado e invisibilizado. Essa realidade, enraizada em uma estrutura social patriarcal, impõe obstáculos significativos à equidade de gênero e ao reconhecimento social e econômico dessas atividades. Diante disso, é fundamental discutir os fatores que perpetuam essa invisibilidade e propor medidas que promovam a valorização e a justiça social para essas mulheres.

Historicamente, a divisão sexual do trabalho relegou às mulheres as funções do espaço privado, enquanto os homens se ocupavam das esferas públicas e remuneradas. Essa herança cultural reforça a ideia de que cuidar é uma "obrigação natural" feminina, o que contribui para a não remuneração e o não reconhecimento desses serviços como trabalho legítimo. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as mulheres dedicam, em média, o dobro do tempo que os homens às tarefas domésticas e de cuidado, mesmo quando estão inseridas no mercado de trabalho. Esse dado evidencia a sobrecarga enfrentada por elas e a desigualdade estrutural existente.

Além disso, a ausência de políticas públicas específicas para o cuidado reforça essa invisibilidade. A falta de creches públicas em número suficiente, por exemplo, faz com que muitas mulheres precisem abrir mão de suas carreiras para cuidar dos filhos. Esse fenômeno impacta diretamente na autonomia financeira feminina e perpetua o ciclo da desigualdade de gênero. O Estado, ao não oferecer suporte adequado, transfere para as famílias – e, especialmente, para as mulheres – a responsabilidade por garantir o cuidado.

Para enfrentar esse problema, é necessário implementar uma proposta de intervenção baseada em três eixos: educação, políticas públicas e conscientização social. Em primeiro lugar, o Ministério da Educação deve incluir, nos currículos escolares, conteúdos que abordem a divisão justa do trabalho



doméstico e a valorização do cuidado como uma função social importante, combatendo estereótipos de gênero desde a infância. Em segundo lugar, o Poder Executivo, em parceria com prefeituras, deve ampliar a oferta de equipamentos públicos de cuidado, como creches, abrigos para idosos e centros de apoio a cuidadores, garantindo maior autonomia para as mulheres. Por fim, campanhas de conscientização promovidas pelos meios de comunicação devem ressaltar o valor do trabalho de cuidado e incentivar a corresponsabilidade entre homens e mulheres nas tarefas domésticas.

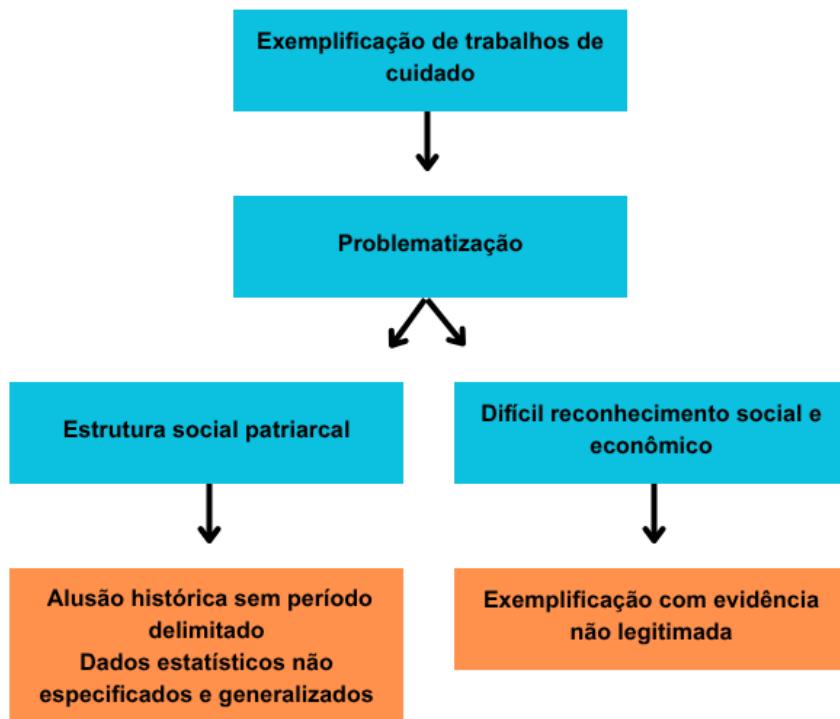
Portanto, é urgente enfrentar a invisibilidade do trabalho de cuidado realizado por mulheres no Brasil. Apenas com ações articuladas entre sociedade e Estado será possível transformar essa realidade e garantir a equidade de gênero, o reconhecimento social e a justiça para quem, há tanto tempo, cuida sem ser vista.

No texto gerado pela máquina alguns comandos não foram atendidos de acordo com a expectativa nos moldes do ENEM, o primeiro deles foi no nível composicional. O foco da redação do ENEM deve ser a argumentação pelo propósito de se conhecer os pontos de vista dos candidatos a respeito de um tema. Por esse motivo, dissertar é uma realidade incontestável, mas o objetivo do texto não deve se prender a uma discussão no nível da exposição, pois o resultado do processo de escrita deve atingir a argumentação, pela intenção de convencer o leitor. No texto apresentado, a máquina tende muito mais a se interessar pela conclusão do que, de fato, pelo desenvolvimento - momento em que os argumentos apontados são defendidos. No período que encerra o primeiro parágrafo do texto produzido, por exemplo, já se assinala uma conclusão.

A conclusão é um trecho do texto importante, mas não precisa de tanto espaço para ele, afinal, nele se espera o “encerramento” de uma explanação. A cartilha do ENEM (Brasil, 2024) incentiva que, na conclusão, seja elaborado apenas o fechamento do texto diante das ideias discutidas e uma proposta (ou propostas) de intervenção como caminho para alterar a realidade e amenizar o problema em questão. Diante disso, não é necessário dedicar mais de um parágrafo do texto para a conclusão, visto que o desenvolvimento deve ser a parte predominante no texto, como se identifica na redação nota mil comentada.

No nível da argumentação e da defesa de pontos de vista, o caminho argumentativo pode ser traçado conforme a introdução. Notamos que a tese proposta pelo ChatGPT se concentra na afirmação de que o problema ainda é “amplamente subestimado e invisibilizado” e a defesa dessa afirmação está nos argumentos propostos, que justificam a causa do problema: a estrutura social patriarcal e o difícil reconhecimento social e econômico. Essa estruturação encontrada é uma tarefa que se aproxima da atividade executada pelo humano; podemos reconhecê-la por ser um percurso inicial mais direcionado aos aspectos referentes ao tema e ao processo de enumeração de argumentos, o que reconhecemos como um processo mais categórico - tarefa que convém ao ChatGPT e se associa à praticidade desempenhada por ele na resolução de situações-problema (Hirota, 2023). Na imagem abaixo, podemos perceber como funcionou o percurso argumentativo gerado pelo *chatbot*, seguindo o mesmo critério de esquematização atribuído ao texto do humano.

Imagen 5: Diagrama de esquematização do texto gerado pelo ChatGPT



Fonte: elaborado pelos autores (2025)

É importante reforçar que a resposta desse modelo de IA corresponde a uma tarefa linguística, mas o seu desempenho é restrito, pois, embora haja pesquisas, que comprovem níveis de desempenho semelhantes aos humanos, a exemplo da realizada por Kobis e Mossink (2021), capacidades como engajamento, ao discorrer sobre um tema e interagir, é uma habilidade humana, associada à sua capacidade criativa com a linguagem. Por isso, ainda que exista uma esquematização propícia, desencontros também são identificados, principalmente nas “provas” (Amossy, 2008) dos argumentos identificados, pois os repertórios socioculturais (identificados em laranja) tiveram falhas.

Nesse sentido, o que é produzido parte de informações contidas no título que é apresentado: “Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil” e em segmentos específicos no comando, “intervenção que respeite os direitos humanos”. A partir dessas informações, reproduzem-se blocos de informações que compõem o banco de dados do modelo. Há, portanto, uma delimitação de um caminho argumentativo, mas que se limita aos termos-chave apresentados no título, como “invisibilização” e “reconhecimento”. No entanto, a discussão do tema não se esgota apenas nesses termos. Outro ponto importante é que, na introdução, há uma estratégia de exemplificação quanto aos tipos de trabalho de cuidado realizado por mulheres que pode ser considerada repertório sociocultural, porém é necessário observar como essa recorrência de repertórios acontece ao longo do texto.

No segundo parágrafo, a reflexão se concentra no argumento histórico devido ao patriarcalismo mencionado na introdução, sendo uma resposta, de início, favorável para o trabalho de defesa de argumentos - exercício que necessita de comprovação conforme a modalidade argumentativa demonstrativa (Amossy, 2008). Entretanto, ao mencionar a herança cultural, não foi delimitado pela máquina nenhum período ou data específica referente ao fato citado, o que descredibiliza a informação, que precisa ser legitimada conforme o que se espera na produção do ser humano. Sem a especificação do período, a discussão se torna superficial e se mantém, devido ao modo como uma

evidência é apresentada pelo Chat, pois, ao mencionar dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, não define o período ou a especificidade da pesquisa relacionada para legitimar a informação apresentada, dificultando, novamente, a pertinência dos aspectos mencionados para garantir a defesa do ponto de vista.

Vale ressaltar, nesse contexto, que, diante da experiência de escrita, todos esses movimentos, caso sejam reproduzidos por um estudante tal qual fornecidos pelo ChatGPT, sem a devida criticidade, ao serem incluídos em um texto, não se tornam pertinentes para a prática dos usuários da máquina. Afirmamos essa ideia por conta de que nenhuma das operações realizadas veio de um exercício de reflexão individual, marcado pela experiência social de uma pessoa que consegue discutir sobre a temática, a qual é um problema nacional, capacidade exclusiva da inteligência humana. Por isso, a apropriação de um texto como esse, ainda que esteja com algumas inadequações, compromete a capacidade reflexiva e argumentativa dos estudantes, que mascaram o próprio ponto de vista com a “falsa opinião” de um sistema que apenas reproduz dados.

No terceiro parágrafo, a argumentação segue a mesma perspectiva, aprofundando a discussão a respeito da ausência de políticas públicas. Nesse parágrafo, é mencionada a falta de creches em número suficiente, todavia não foi apresentada nenhuma informação que comprove, de forma verídica, a exemplificação da insuficiência desses lugares. Ainda que seja unânime o reconhecimento dessa carência, é preciso apresentar fatos comprováveis que retirem do senso comum as informações discutidas, pois o texto envolve argumentação por um motivo: atingir o convencimento de quem lê. Sem comprovações, esse movimento se torna simples e tendencioso.

Ainda nesse parágrafo, é estabelecida uma discussão sobre a falta de suporte do Estado, realidade que condiz com a situação vivida pelas pessoas na contemporaneidade, porém a discussão-base do parágrafo (ao que parece, pela estrutura) tem como foco a ausência de políticas públicas. A reflexão sobre esse ponto ainda não estava consolidada quando há um enfoque redirecionado para o Estado. Certamente, o Estado tem influência nas políticas públicas, mas não fica clara a relação entre políticas públicas e Estado no viés da responsabilidade, já que diferentes abordagens são indicadas no mesmo parágrafo sem haver integração entre a ideia de “suporte adequado” e carência de políticas públicas, além de o “interpretar” do caminho argumentativo não ter sido efetivado da maneira esperada, até porque o caminho da “relação” foi elementar, diante da carência de repertório sociocultural para defender tal aspecto.

Ademais, no fim do texto, identificamos dois parágrafos de conclusão, quando, na verdade, o desenvolvimento ficou limitado, necessitando de uma discussão mais aprofundada. A máquina apresentou uma média de quatro propostas de intervenção, o que, naturalmente, pode e não pode ser problemático; pode ser, pela quantidade de espaço necessário para se apresentar; pode não ser, se houver organização e cumprimento da apresentação dos elementos necessários às propostas, pois as propostas precisam ter agente, ação, modo, finalidade e detalhamento (Brasil, 2024). Todavia, nenhuma das propostas geradas pelo ChatGPT conseguiu incluir esses cinco elementos indicados na cartilha, prejudicando a estruturação da proposta de intervenção.

Muitos desses aspectos se distanciam das características identificadas no texto nota mil. Enquanto a **seleção** fica clara, diante dos repertórios socioculturais apresentados com base nos argumentos escolhidos, a seleção da IA é complexa porque não conseguimos identificar de onde saem as informações inseridas no texto. Falar sobre dados e algoritmos ainda é um universo amplo, pelo menos no contexto do ChatGPT.

A **relação** entre argumentos, repertórios e tema fica explícita na defesa do ponto de vista do texto nota mil, enquanto no texto gerado pela máquina as relações são restritas pela carência de profundidade e legitimidade nos repertórios e nas discussões evidenciadas, já que o senso comum ainda possui amplo espaço, devido à limitação de acesso, com reprodução de informações gerais que correspondem a um banco de dados do modelo. Quanto à **organização**, há semelhanças apenas em alguns aspectos, pois, ainda que sejam identificados argumentos e associados ao desenvolvimento, no nível estrutural, o texto da máquina ainda foge do esperado pela restrição do desenvolvimento e pelo alto investimento na conclusão, o que não ocorre dessa forma no texto nota mil, já que a autora se preocupa bastante com o desenvolvimento e faz a conclusão conforme o esperado, sem exagerar em propostas ou deixar lacunas na elaboração.

Ainda ressaltamos a **interpretação**, que, como etapa essencial no caminho argumentativo, envolve o olhar do autor sobre o argumento, com base na relação estabelecida com o repertório sociocultural, na intenção de convencer o leitor acerca da ideia mencionada e defendida. Entre os dois textos, o gerado pela máquina não sustenta uma interpretação efetiva por limitação de habilidades exclusivas ao humano e devido à carência de legitimidade das informações e da pouca discussão diante da relação criada, situação contrária à do texto nota mil.

Desse modo, o texto da IA tem inúmeras lacunas, que podem ser justificadas pela urgência da máquina em sanar uma situação-problema (Hirota, 2023). Por isso, é necessário reconhecer que a argumentação se solidifica apenas diante de uma prática real, por quem vivencia a experiência em contato com o problema.

É salutar que os alunos e as escolas percebam que falta a ambos reconhecerem que a máquina pode auxiliar com dicas, sugestões de repertórios, de exemplificações, de sinônimos para o texto, ideias para encerramento de discussão em parágrafos, entre outros. Mas, entregar o trabalho completo de escrita para a máquina desempenhar é uma atividade muito complexa, porque estamos falando de opinião, de individualidade⁵, e essas ações, resultadas do pensamento, não podem ser feitas pela IA, por conta de o pensamento ser uma habilidade humana (Santaella, 2023), tendo em vista que estamos discutindo sobre um trabalho de subjetividade.

6. Considerações finais

Abordar a “produção” de textos no contexto atual é saber que, em algum momento, também mencionaremos a “geração” de textos, que implica reprodução de textos e não sua produção. Com base na análise apresentada, precisamos sustentar essa diferença, pois o trabalho da máquina, resultado de uma filtragem de dados, não representa um processo criativo estruturado que respeite a individualidade e a reflexão pessoal dos indivíduos. No ENEM, isso também pode não acontecer se o aluno for apenas “reprodutor” de modelos memorizados, todavia o ser humano que tiver elaborado esse modelo, ele sim, será detentor de todas essas habilidades, se mantendo, assim, em um nível superior à máquina.

Consideramos o texto nota mil e a estrutura dele como base porque atingiu a nota máxima e também por conta da semelhança estrutural e do caminho argumentativo percorrido entre esse e os demais textos nota mil, tanto da última cartilha (Brasil, 2024) quanto de cartilhas anteriores.

⁵ Essa é a visão esperada por um processo real de escrita, porém sabemos que nem sempre há uma prática como essa, já que, muitas vezes, os candidatos apenas reproduzem um modelo pelo qual treinou e “memorizou”, sem muita criticidade. Assim, não utilizar a IA não significa dizer que o aluno está sendo, de fato, “produtor”.

Desse modo, podemos afirmar que o uso da IA trata-se de uma “possibilidade” para a estimulação de ideias, para dicas de substituição, orientações referentes à redação e à materialidade do texto, portanto, sendo uma ferramenta de suporte e auxílio. Não é possível considerar, ainda, a máquina como a responsável por todo o texto, tendo em vista que a argumentação será sempre um questionamento seguido de outros: quem é, de fato, o autor do texto? Trata-se de plágio? Como comprovar a autoria? Os conhecimentos pertencem realmente ao aluno?

O texto gerado pelo ChatGPT possui informações que se referem a buscas feitas pelo modelo, com base em dados que lhe foram alimentados, por isso a dificuldade de conhecer as informações e de se aprofundar nelas. Se esse caminho não é possível e o texto não foi produzido pelo aluno, como garantir a autoria? Não há como dizer que a competência de escrita é desenvolvida, justamente pelo contexto de cópia. Se não buscamos formar alunos-escreventes (Fernandes, 2024), o caminho para alunos-autores e pensantes não será o da transcrição, mas o da reflexão. Assim, a produtividade de uso da máquina se mantém como instrumento de auxílio; caso contrário, em uma atividade de substituição, não podemos considerar a máquina como uma possibilidade, seja por uma perspectiva de qualidade do texto, seja por um caminho ético que toda a sociedade precisa seguir.

Referências

- AMOSSY, R. As modalidades argumentativas do discurso. In: LARA, G.; MACHADO, I.; EMEDIATO, W. (Orgs). **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: DF, 2018.
- BRASIL. **BNCC Computação** - Complemento. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. 2022.
- BRASIL. **A redação do ENEM**: cartilha do(a) participante. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Brasília: DF, 2024.
- CAVALCANTE, I. F.; LEMOS, E. C. Reflexões sobre a produção do conhecimento em face da Inteligência Artificial. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v. 28, e238671, 2023.
- COHEN, B. A. M. **A textualização argumentativa de redações nota 1000 do ENEM**. Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais. 2022.
- COSTA, J. L.; VON RONDON, T. A inteligência artificial e o estudo da língua portuguesa. **Revista ENSINE**, Juiz de Fora, v. 02, n. 02, pp. 52-63, jul.-dez., 2024.

EYSENCK, M.; EYSENCK, C. **Inteligência artificial x humanos**: o que a ciência cognitiva nos ensina ao colocar frente a frente a mente humana e a IA. Porto Alegre: Artmed, 2023.

FERNANDES, C. A autoria em textos produzidos por inteligência artificial e por alunos em uma perspectiva discursiva. **Revista da Abralin**, v. 23, n. 2, p. 214-235, 2024.

HIROTA, F. **ChatGPT e Inteligência Artificial**: uso e aplicações na era digital. São Paulo: Actual, 2023.

HOFFMANN, J. **Avaliação**: mito & desafio: uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Editora Mediação, 1991.

KAUFMAN, M. **Implicações éticas e sociais da inteligência artificial**. Palestra - Universidade de São Paulo. 2023.

KOBIS, N.; MOSSINK, L. D. Inteligência artificial versus Maya Angelou: evidências experimentais de que as pessoas não conseguem diferenciar poesia gerada por IA de poesia escrita por humanos. **Computers in Human Behavior**, n. 114, 2021.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. 10^a ed. 2^a reimp. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 8^a ed. 3^a reimp. São Paulo: Cortez, 2015 [2002].

KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. 2^a ed., 3^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

LEE, K. **Inteligência Artificial**: como os robôs estão mudando o mundo, a forma como amamos, nos comunicamos e vivemos. Trad. Marcelo Barbão. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

MUNIZ-LIMA, I. **Linguística textual e interação digital**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024.

OLIVEIRA, J. S.; NEVES, I. B. S. Inteligência Artificial, ChatGPT e Estudos Organizacionais. **Revista Organizações & Sociedade**, 30(106), 397-409, 2023.

PLANTIN, C. **A argumentação**. Christian Plantin; Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.

POSSENTI, S. Indícios de autoria. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, 1-20, n. 01, p. 105-124, jan./jun. 2002.

POSSENTI, S. Notas sobre a questão da autoria. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.20, n.32, jan./jun. 2013.

PSCHEIDT, A. C. **Inteligência Artificial na sala de aula**: como a tecnologia está revolucionando a educação. São Paulo: Matrix, 2024.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, F. O. Inteligência artificial e escrita acadêmica. Palestra - Universidade Federal do Piauí. **Seminário de Letramentos Acadêmicos**. 2024.

VICARI, R. M.; BRACKMANN, C.; MIZUSAKI, L.; GALAFASSI, C. **Inteligência Artificial na educação básica**. São Paulo: Novatec, 2023.